



## A perspectiva social da Ciência da Informação acerca da população LGBTQIA+ brasileira no contexto pandêmico

*The Information Science social approach about the Brazilian LGBTQIA+ population in the pandemic context*

**Sérgio Rodrigues de Santana** 

Mestre em Ciência da Informação  
Universidade Federal da Paraíba  
*sergiokafe@hotmail.com*

**Maytê Luanna Dias de Melo** 

Mestra em Ciência da Informação  
Universidade Federal da Paraíba  
*lumeloo@yahoo.com.br*

**Raimunda Fernanda dos Santos** 

Doutora em Ciência da Informação  
Universidade Federal do Rio de Janeiro  
*fernanda@facc.ufrj.br*

### Resumo

O trabalho teve como objetivo traçar e analisar o lugar da população LGBTQIA+ no contexto pandêmico, considerando o sistema compulsório de produção e de disseminação de informação. A pesquisa tem abordagem quali-quantitativa e utiliza o método fenomenológico no modelo técnico de redução *eidética*. A partir dos indicadores e das teorias, chegou-se às oito dimensões (*insights*) que compõem os fluxos fenomenológicos das essencialidades e realidades LGBTQIA+, em que se destacam família, escolaridade, trabalho, estado, relacionamento, saúde física, saúde mental e informação gênero-sexualidade que se refere aos conteúdos informacionais e comunicacionais oficiais produzindo e disseminando pelas redes LGBTQIA+. Existem dois modelos de sistemas de produção e de disseminação de informação com potencial de produzir conhecimentos e valores, são eles: o sistema fenomenológico e o sistema compulsório. No segundo a produção e a disseminação de informação têm ganhado força no contexto da pandemia especialmente no Brasil, lógica que tem privilegia os sujeitos com características heterogemônicas e promovendo dissonância cognitiva e discrepância entre sujeitos da população LGBTQIA+.

### Palavras-chave:

pandemia de COVID-19; sujeitos LGBTQIA+; informação gênero-sexualidade; informação étnico-racial; epistemologia.

### Abstract

*The objective of the work was to trace and analyze the place of the LGBTQIA+ population in the pandemic context, considering the compulsory system of production and dissemination of information. The research has a quali-quantitative approach and uses the phenomenological method in the technical model of eidetic reduction. From the indicators and theories, the eight dimensions (insights) that make up the phenomenological flows of the essentialities and LGBTQIA+ realities, in which family,*



doi: [10.28998/cirev.2022v9n1/3c](https://doi.org/10.28998/cirev.2022v9n1/3c)

Este artigo está licenciado sob uma [Licença Creative Commons 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

Submetido em: 09/03/2021

Aceito em: 29/09/2022

Publicado em: 01/04/2023

*schooling, work, state, relationship, physical health, mental health and in- gender-sexuality training that refers to official informational and communicational content produced and disseminated through LGBTQIA+ networks. There are two models of information production and dissemination systems with the potential to produce knowledge and values, they are: the phenomenological system and the compulsory system. In the second, the production and dissemination of information has gained strength in the context of the pandemic, especially in Brazil, a logic that privileges subjects with heterogemonic characteristics and promotes cognitive dissonance and discrepancy among subjects from the LGBTQIA+ population.*

**Keywords:**

*COVID-19 pandemic; LGBTQIA+ subjects; gender-sexuality information; ethnic-racial information; epistemology.*

## 1 INTRODUÇÃO

O fluxo de contágio da pandemia do coronavírus (COVID-19) também tem ocorrido no mesmo nível da apatia governamental, fenômeno excedente de um sistema de produção e de disseminação de informação pautada no viés hegemônico. No Brasil, essa apatia opera nos interesses obscuros do presidente Jair Bolsonaro e com apoio de sua legião que incluem os(as) ministros(as), os(as) apoiadores(as) políticos(as) (senadores(as), deputados(as) prefeitos(as) e vereadores(as)), e, especialmente os(as) bolsonaristas.

Entre esses interesses obscuros do governo incluem-se a minimização dos efeitos da COVID-19 (Corona Virus Disease 19), causada por um novo coronavírus (SarsCov2); a demissão de um ministro que comungava com a lógica da Organização Mundial da Saúde (OMS); o recorte temporal de 82 dias (oitenta e dois dias) sem um ministro da saúde; o veto do auxílio emergencial e a sua redução a partir de sua quinta parcela; o boicote dos protocolos pandêmicos indicados pela OMS; as manifestações nas ruas feitas por bolsonaristas; o desvio das verbas destinadas às problemáticas da COVID-19; o veto ao acesso à CoronaVac- vacina contra a COVID-19 produzida pelos chineses; o veto ao acesso à informação, especialmente, aos dados acerca da pandemia difundidos pelo Ministério da Saúde; a disseminação de desinformação e *fake news* para atingir e desacreditar seus(as) opositores(as) sociais, políticos e instrucionais e a falta de planejamento/logística de vacinação contra COVID-19.

Assim, o projeto de Sociedade da Informação em curso, que destaca a construção de uma unidade nacional e uma sociedade mais justa e democrática, se encontra em vertigem e ameaçada por esse sistema compulsório de produção e de disseminação de informação, as quais essa tem dificultado as linhas de defesas organizacionais, institucionais e individuais de combate à pandemia. Tais problemáticas têm contribuído para que o Brasil se tornasse um país foco da doença no contexto americano, e neste fluxo do contágio as comunidades sub-representadas e perseguidas pelo governo Bolsonaro e seus adeptos, incluindo a comunidade LGBTQIA+ que tem sido afetada de forma significativa, especialmente, quanto ao acesso e ao uso da informação que fortalece as práticas informacionais da comunidade LGBTQIA+ no âmbito da pandemia. Pode-se inferir que na atualidade brasileira a comunidade LGBTQIA+ tem o governo Bolsonaro e a pandemia como duas lutas a mais para serem superadas. Desse modo, este *paper* objetiva construir uma perspectiva social da Ciência da Informação acerca da população LGBTQIA+ brasileira no contexto pandêmico, focando os sistemas de produção e de disseminação da informação que promovem o conhecimento e os valores que privilegiam grupos hegemônicos em detrimento de outros e tornando desalentador o lugar da população LGBTQIA+ no contexto pandêmico.

## 2 MÉTODO FENOMENOLÓGICO NO MODELO TÉCNICO DE REDUÇÃO EIDÉTICA

A pesquisa tem abordagem híbrida quanti-qualitativa, pois busca extrair as essências de alguns indicadores sociais e de construções teóricas que compõem seu *corpus*, uma vez que ambos possibilitam a construção dos *insights* acerca do contexto pandêmico do qual o problema e o objetivo de pesquisa emergem. Como condição teórica, adotou-se a abordagem social da Ciência da Informação, focando o ciclo fenomenológico informacional<sup>1</sup>, evidenciando o acesso à informação gênero-sexualidade. Priorizou-se o método fenomenológico no modelo técnico de redução eidética do *corpus* estatístico-teórico e *insights*, assim buscando as essências. A fenomenologia eidética é um procedimento técnico em que há variação imaginativa livre dos(as) pesquisadores(as) no exercício da criatividade científica para redefinir as possibilidades de evidência de um fenômeno investigado, tomando como base os limites concretos dos relatos experienciais para que as significações atinjam estatuto de essências (CASTRO, GOMES, 2011).

O método fenomenológico possibilita a conexão e a desconexão entre o já visto, os novos *insights* e as essências na construção de conhecimento fenomenológico no fluxo da relação: a) do objeto (*Noema*) da percepção, que procura descrever ‘o lugar da população LGBTQIA+ no contexto pandêmico’; b) o ato de perceber (*Noesis*) esse objeto transcendendo as percepções e as significações outrora construídas, ou seja, esse lugar; e c) a *Eidética*, que é a redução à ideia da *noema*, extraindo sua essência para construir as significações antes não vistas, assim ocorrendo o *Epoché*, que é suspensão de juízo de valor, o fenômeno discutido e/ou representado mentalmente antes da aplicação do método fenomenológico (MARCIANO, 2006). Na aplicação do método fenomenológico, é imperativo compreender o lugar da percepção/sensação uma vez que se faz o *Epoché*, pois os preconceitos, as crenças e as afirmações sobre relações causais ou suposições são postas em suspensão. A percepção é um fenômeno de interpretação simbólica de dados colhidos das impressões pelas vias das sensações, já que a percepção considera as experiências e as vivências do sujeito cognoscente. A sensação que também marca a existência das espécies mais simples, por sua vez, diz respeito aos dados colhidos pelos sentidos que não necessariamente são submetidos à interpretação simbólica como naturalmente ocorre com espécie simples (ARAÚJO, 2014).

Na coleta de dados estatísticos e teóricos, foram considerados documentos como alguns relatórios de Organizações Não-Governamentais (ONGS) e intuições que compõem a rede LGBTQIA+ nacional, relatórios internacionais e notícias publicadas nos sites informativos sobre a cultura LGBTQIA+ brasileira, sites de universidades brasileiras, sites científicos como a *National Geographic* e artigos científicos, constituindo, desta maneira, um *corpus* documental. Tais fontes foram escolhidas em uma seleção intencional, no sentido de estabelecer uma relação íntima com a cultura LGBTQIA+, de forma sistemática e conveniente, pois esses artifícios possibilitam recuperar as informações pertinentes para responder tanto a problemática como objetivo do artigo.

Dessa forma, considerando *Epoché*, *Noema* e *Noesis*, nesta pesquisa, o método fenomenológico considerou as seguintes etapas na técnica de redução eidética: a) limpeza das limitações do conhecimento, por exemplo, a lógica de que a população geral está sendo afetada pela pandemia, assim os sujeitos LGBTQIA+ procuram privilégios; b) evitar uma investigação baseada na natureza, baseando a pesquisa em um conjunto de dados e de informações que não tiveram sua credibilidade devidamente apurada; c) almejar a perspectiva do

---

<sup>1</sup>Inclui problematização, produção, representação, disseminação, busca, recuperação, acesso, assimilação, acomodação, apropriação, uso e reflexos de conteúdo informacional.

fenômeno enquanto acontecimento existencial, isto é, buscando uma compreensão da pesquisa por meio de sua complexidade e de sua singularidade; d) suspensão dos dados empíricos, senso comum e científicos, para buscar através da racionalidade a essência mais pura possível, o ainda não visto; e e) atingir o transcendental, descortinar os fatos que envolviam os sujeitos LGBTQIA+ para alcançar a essência das diversas identidades LGBTQIA+ (AZEVEDO; AZEVEDO, 2010).

### 3 NOVOS CONTORNOS SOCIAIS DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Inicialmente a Ciência da Informação tinha um laço estreito com a Computação no foco da recuperação automática da informação, porém, nos anos 70 ela se inclinou para as Ciências Sociais e dela herdou a visão dos sujeitos refletidos por seu contexto de inserção. Assim, esse ponto de intersecção passa a afetar os fazeres teóricos, técnicos e epistêmicos, sobretudo, quanto à construção dos fundamentos sociais da informação (ARAÚJO, 2003). No decorrer do fluxo histórico-epistêmico da área na atualidade, a perspectiva social, denominada por Capurro (2003) de paradigma social, objetiva delimitar a identidade e unidade da área nos discursos introdutórios, apressados e/ou orais, e como imagem epistêmica em que os(as) estudiosos(as) visam à compressão da essência e do transcendental, sobretudo, quando destaca os paradigmas físico e cognitivo refletidos no paradigma social, sem promoção de rupturas, comparações e redução de importância.

Não se trata, pois, de comparar os paradigmas para determinar qual o melhor. Cada modelo teórico apreende alguns aspectos da realidade e deixa de fora outros. Aquilo que não era respondido pelo paradigma físico da CI tornou-se parte das preocupações do paradigma cognitivo. Igualmente, o paradigma social surgiu para iluminar questões não compreendidas pelo cognitivo. (ARAÚJO, 2010 p. 36).

Isso significa dizer que na relação sujeito-social (como os marcadores sociais das diferenças); observam-se fenômenos, tangíveis como as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) e intangíveis, assim como os excedentes das TIC, como os *apartheids* racial e digital que caminham juntos no Brasil (FONSECA, 2007); e efeitos, cognitivo – sentimentos de pertença, exclusão, pobreza, preconceito e discriminação frente às TIC. Assim, se visualiza uma relação indissociável, na qual o sujeito é refletido pela mesma, que o compreende no fluxo desses fenômenos e efeitos, uma vez que a abordagem social pode se apresentar como uma abordagem sociocognitiva (ALMEIDA et al., 2007).

O reflexo mais positivo da inclinação social na suspensão epistêmica das dimensões física e cognitiva possibilita à Ciência da Informação visualizar determinados fenômenos do entorno da informação que têm seu núcleo nas influências sociais. Assim, considerar a relação sujeito (ser social), fenômeno (tangível/intangível) e efeitos (cognitivo) é estratégico e atemporal, e, por isso, o paradigma social no Brasil é posto em prática, por meio da lógica epistêmica que destaca o fenômeno intangível como os marcadores sociais das diferenças (CAIRES, 2010)<sup>2</sup>, como forças que têm o potencial de produzir o estado anômalo do conhecimento na busca da informação a partir de um corpo/psique refletido no tempo e no espaço. Essa lógica social na Ciência da Informação é vista no Brasil e tem tomado caminhos mais definidos nos últimos dez anos, assim configurando uma nova dimensão do paradigma social, visualizando o sujeito, o fenômeno e os reflexos.

Esses novos contornos emergem por meio de uma rede de autores(as) e coautores(as) de lugar de fala e lugar de sensibilidade, na produção de monografias, comunicações, artigos, dissertações, teses, livros e eventos (seminários, simpósios, etc.) que amparam de forma teórica, técnica e

---

<sup>2</sup> Para Caires (2010, *online*), “os marcadores sociais da diferença são um campo de estudo [...] que tentam explicar como são constituídas socialmente as desigualdades e hierarquias entre as pessoas.”

epistemológica algumas comunidades subrepresentadas por três eixos temáticos, a saber, a **Responsabilidade Social**, a **informação étnico-racial** e a **informação gênero-sexualidade**, eixos que estão essencialmente ligados.

Targino e Garcia (2008) revelam que a **Responsabilidade Social**, no âmbito da Ciência da Informação, figura qualquer ação informacional através da empatia e da ética, que objetiva a melhoria da qualidade de vida de um sujeito nos âmbitos social, econômico e ambiental na Sociedade da Informação. Os expoentes desse eixo são Joana Coeli Ribeiro Garcia - Universidade Federal da Paraíba (UFPB); Maria das Graças Targino – Universidade Federal do Piauí (UFPI); Gustavo Henrique Araújo Freire – Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); Isa Maria Freire (UFPB) e Anna Carollyna Bulhões Moreira (UFPB), entre outros(as). Destaca-se também a produção temática **informação étnico-racial**, com os conteúdos que têm o potencial de produzir conhecimento sobre os elementos memorialísticos e culturais de um determinado grupo étnico-racial (OLIVEIRA, 2010). Essa temática tem como expoentes Mirian de Albuquerque Aquino (UFPB); Henry Poncio Cruz de Oliveira (UFPB); Joselina da Silva – Universidade Federal do Ceará (UFC); Erinaldo Dias Valério – Universidade Federal de Pernambuco (UFPE); Leyde Klebia Rodrigues da Silva – Universidade Federal da Bahia (UFBA); Sérgio Rodrigues de Santana (UFPB); Franciéle Carneiro Garcês da Silva (IBICT/UFRJ); Edilson Targino Melo Filho (UFPB); Jobson Francisco Silva Júnior (UFPB); Vanessa Alves Santana (UFPB); Maria Antônia de Sousa (UFPB); Ana Roberta Mota (UFPB); Alba Ligia de Almeida Silva (UFPB) e outros(as). A temática informação étnico-racial se desmembrou como o conceito informação indígena trabalhado por Eliane Bezerra Paiva (UFPB) e que abarcam outros(as) pesquisadores(as) que incluem Francisco Sávio da Silva (UFPB), Rodrigo Piquet Saboia de Mello (IBICT/UFRJ) e Alexandra Aguilar – Universidade de Brasília (UNB).

Quanto aos eventos da informação étnico-racial, merecem destaque as três edições do **e-Geincos**, realizado pela UFPB/CCSA: I - “A responsabilidade ética e social das Universidades Públicas e a Educação da população negra”, realizado em 2008; II - “A responsabilidade ético-social das Universidades Públicas e a Educação da população negra: a (in) visibilidade do(a) negro(a) na produção do conhecimento”, realizado em 2011; e III - “A responsabilidade ético-social das Universidades Públicas e a Educação da população negra”, realizado em 2013. Ainda no que concerne aos eventos sobre a temática supracitada, ocorreu o “**I Encontro Decolonialidade e Ciência da Informação: Veredas Dialógicas**”, em 2020, uma ação conjunta do Departamento de Biblioteconomia da UFRJ; do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de São Carlos (PPGCI/UFSCAR); do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (PPGCI/USP) e o Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Sociedade da Universidade Federal de São Carlos (PPGCI/UFSCAR).

Com relação à temática **informação gênero-sexualidade**, tem-se como expoentes: Fábio Assis Pinho (UFPE); Gisele Rocha Cortes (UFPB); Adeilton Alves Calixto (UFPB); Henry Poncio Cruz de Oliveira (UFPB); Izabel França de Lima (UFPB); Michel Batista Silva (UFPB); Raimundo Nonato Macedo dos Santos (UFPB); Jean Fernandes Brito – Universidade Estadual Paulista (UNESP); Márcio Matias Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC); Guilherme Goulart Righetto (UFSC); Gláucio Barreto de Lima (UFC); Bruno Almeida Santos (UFBA), Azilton Ferreira Viana – Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e outros(as).

Destaca-se, nesse movimento de produção de informação gênero-sexualidade, o livro intitulado “**Do invisível ao visível: saberes e fazeres LGBTQIA+ na Ciência da Informação**”, organizado em 2019 pelos(as) autores (as) Nathália Lima Romeiro (UFRJ), Bruno Almeida Santos (UFBA) e Carlos Wellington Soares Martins – Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), com textos de Denise Braga Sampaio (UFBA); Maria Cleide Bernadinho – Universidade Federal do Cariri (UFCA); Thayron Rodrigues Rangel – Universidade Federal Fluminense (UFF), Ismaelly Batista dos Santos (UFBA) e outros(as). Importante mencionar também o seminário on-line intitulado “**Lives e Olhares livres: a população LGBTQIA+ no contexto da pandemia da COVID-19**” articulado em 2020 pelos Grupos de Estudos “Formando Competências, Construindo Saberes e Formando Cientistas (GEINCOS/UFPB)”; “Informação, Memória, Tecnologias e Sociedade (iMclusoS/UFPB)” e os (as) discentes do PPGCI/UFPB. O evento promoveu reflexões emergentes e necessárias apresentadas por meio dos(as)

palestrantes Michel Batista Silva (UFPB), Luis Fernando Herbert Massoni – Universidade Feral do Rio Grande do Sul (UFRGS), entre outros(as) de áreas afins, Luiz Felipe Zago (ULBRA/Canoas), Amanda Perigo de Freitas – Faculdades Integradas de Patos (FIP-Patos-PB), Geysianne Felipe do Nascimento (UFPB), Gesiel Prado Santos - Centro Universitário Herminio Ometto de Araras (UNIARARAS).

Notabiliza-se também o selo editorial **Nyota** com uma quantidade significativa de publicações de livros e e-books em 2020 direcionados às mulheres, às populações negra, aos indígenas e aos LGBTQIA+, reunindo a partir da interdisciplinaridade de campos autores(as), teorias e espectros através da Biblioteconomia, Arquivologia, Museologia, Comunicação e Ciência da Informação, como os livros: “O protagonismo da Mulher na Biblioteconomia e Ciência da Informação” (2018); e “Informação, diálogos e ações para enfrentamento à violência contra Meninas e Mulheres” (2020).

É imperativo compreender que a nova reconfiguração social da Ciência da Informação no Brasil vai muito além das referências citadas. Ao citar autores neste artigo, ainda que não abarcando todo(as), compreende-se como estratégia de visibilidade LGTBQIA+, pois muitos autores(as) são sujeitos dessa população. É também importante é compreender que esse conjunto de diversas referências, que vai além dos atores(as), em sua totalidade emerge como essência que aponta um progresso científico no campo na última década, apesar das resistências que visualizam a militância longe da ciência, uma imagem simbólica e estética delimitada por corpos e psiques brancos(as), heterossexuais, cis, cristãos, heterogemônicos, que compõe o sistema compulsório de produção e disseminação da informação e que desconsideram autores(as) LGTBQIA+, autores(as) negros(as), a Responsabilidade Social como vetores epistêmico na prática pela ética e empatia decolonial e interseccional.

#### 4 OS SISTEMAS DE PRODUÇÃO E DISSEMINAÇÃO DE INFORMAÇÃO

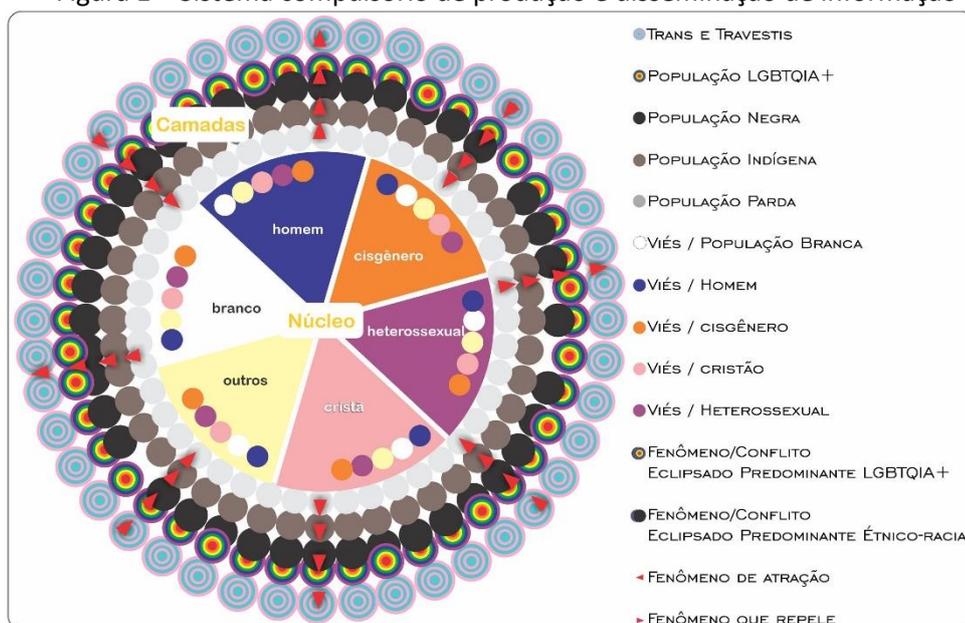
A realidade social é um todo constituído de partes, entre essas partes absorvem-se a informação (estímulo), a cognição (processamento) e a instanciação (ação), uma tríade que se interligam e se regulam por meio de dois sistemas de produção e disseminação da informação: a) um intitulado sistema compulsório, que é imposto ao sujeito, a exemplo, a lógica heterossexual imposta aos sujeitos LGBTQIA+; e b) outro denominado sistema fenomenológico, que emerge de uma determinada psique e corpo, mas que não é imposta a qualquer outro corpo e psique distintos, exemplo a lógica LGBTQIA+ imposta aos sujeitos heterossexuais.

Pode se afirmar que a informação como vetor de construção da realidade social produzida pelos sistemas compulsório e fenomenológico tem seu cerne no senso comum e/ou na ciência, e nesta última se destaca os indicadores e os construtos científicos. Um indicador é compreendido como uma medida estatística utilizada para explicar um fenômeno em termos quantitativos, em que esse fenômeno pode ser social, cognitivo, cultural, entre outros. Ele serve para explicar a realidade, espaços e tendências, visto que mescla o passado (o ocorrido), o presente (a tomada de decisão) e o futuro, que se refere aos benefícios alcançados no contexto de antecipação. Quanto aos construtos teóricos, estes se constituem de indicadores na lógica quantitativa e das narrativas que emergem sobre esses indicadores de forma fenomenológica, isso busca entender a mensuração dos fenômenos para além do valor estatístico, ou seja, visando aos aspectos quantitativos.

Nesta pesquisa se considera como realidade social ‘o lugar da população LGBTQIA+ no contexto da pandemia’ o *locus* construído e analisado pelos indicadores e construtos teóricos que engendram os fluxos informacionais, e que tem a informação gênero-sexualidade como vetor predominante. A informação gênero-sexualidade é essencialmente produzida e disseminada por corpos e psiques LGBTQIA+ que compõem os lugares de fala, mas também pode ser produzida mediante os lugares de sensibilidade e lugares de oportunidade que são os sujeitos aliados(as) as pautas LGBTQIA+. A informação gênero-sexualidade se refere aos conteúdos informacionais e comunicacionais oficiais produzidos e disseminados pelas redes LGBTQIA+, que agregam as ONGs, coletivos LGBTQIA+, centros culturais LGBTQIA+, paradas LGBTQIA+, casas de acolhimento LGBTQIA+, alas de presídio destinadas às travestis, mães pela diversidade, políticas públicas, mecanismos jurídicos, entre outros. E também os conteúdos informacionais e comunicacionais científicos produzidos e dissemi-

nados pela ciência, os quais essencialmente consideram a comunidade LGBTQIA+ de forma positiva, com pesquisas relevantes para a promoção da qualidade de vida da população LGBTQIA+. Em que conteúdos orientam essa população, tem o potencial do fechamento dos estados anômalos do conhecimento dos sujeitos que a compõem, promovem a ressignificação cognitiva e harmonização/redesignação, respectivamente, de subjetividades e corpos quanto à orientação sexual, à identidade sexual e à identidade de gênero, que se distanciam do binarismo compulsório (SANTANA; MELO; SILVA, 2020).

Figura 1 – Sistema compulsório de produção e disseminação de informação



Fonte: Elaboração própria (2021).

É preciso considerar, todavia, que uma determinada realidade social pode ser questionada, tendo em vista as forças dos sistemas compulsórios. No caso da comunidade LGBTQIA+ como realidade social e a informação gênero-sexualidade como fenômeno sincrônico a essa realidade, são postas em xeque através da heterossexualidade que compõe um micro sistema, configurando-se como uma engrenagem de um macro sistema compulsório (Figura 1) pautado de corpos e de psiques brancos(as), homem, cisgênero, cristão, entre outros.

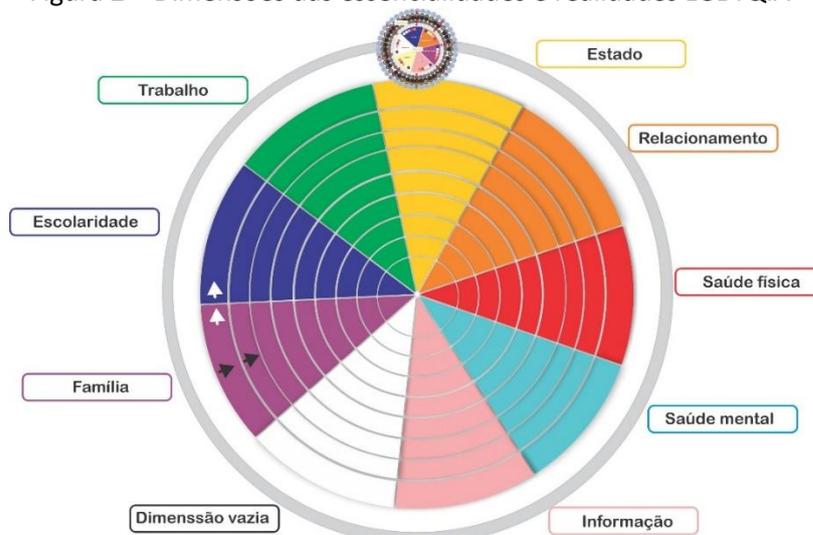
Utilizando a lógica do preconceito e da discriminação, Loureiro (2004) descreve um sistema compulsório de produção e de disseminação de informação que regula os corpos e as psiques. Essa autora acredita que há estratégias de produção e de disseminação de informação que constroem uma realidade social em que a vida é sofisticada e próspera, mas se um sujeito não se adequa às políticas dessa realidade, possivelmente não participará desse modelo. Loureiro (2004) exemplifica utilizando a polaridade destacando o protagonismo versus antagonismo e, para isso, foca elementos que foram ilustrados na Figura 1, são eles: os sujeitos brancos(as) situados no centro (círculos brancos) e os sujeitos negros(as) às margens, ou seja, as camadas que envolve o núcleo (camada de círculos pretos). A lógica do sistema pode ser aplicada nas relações entre sujeitos LGBTQIA+ (camada de círculos coloridos) e sujeitos heterossexuais (círculos brancos situados no núcleo), pois o sistema valoriza a informação, o conhecimento e os valores do centro ao mesmo tempo que desvalida tudo que emerge das demais camadas. No sistema compulsório de informação, conhecimento e valores, a sexualidade LGBTQIA+ (camada círculos coloridos) é periférica, enquanto a homossexualidade (círculos brancos situados no núcleo) é o padrão a ser seguido. Considerando essa polarização, percebe-se dois movimentos que regulam as políticas do modelo sofisticado e

próspero de vida, um que atrai para o centro (seta apontada para o núcleo), assim sendo possível que um sujeito LGBTQIA+ alcance, e isso ocorre quando esse sujeito permanece no armário. Porém, uma vez fora dele, os sujeitos LGBTQIA+ são orientados(as) para serem discretos(as), assim deve apresentar masculinidade (gays) e/ou feminilidade (lésbicas), o que faz aumentar as suas chances de chegar até o centro, de atingir esse modelo de realidade social compulsória. O movimento que repele para a periferia é o cominho inverso, em que os sujeitos trans e as travestis (camada de círculos rosas e azuis) são os sujeitos LGBTQIA+ mais afetados(as) e mais empurrados para periferia, inclusive, de forma geográfica.

Nesse sistema, ilustrado na Figura 1, Santana e Alves (2019) teorizam que há um terceiro movimento, o fenômeno eclipsado que é tão nefasto quanto a repulsa e a atração. Esse fenômeno se entende por um conflito cognitivo que ocorre na relação ego, mente, mundo e representações individuais contraditórias sobre dois marcadores, por exemplo, entre o marcador étnico-racial (camada de círculos pretos) versus o marcador LGBTQIA+ (camada de círculos coloridos). Isso ocorre quando um sujeito que apresenta os dois marcadores acessa e usa uma informação manipulada pelo sistema compulsório, assim, esse sujeito age esteticamente frente às demandas do contexto social entre valorizar sua homossexualidade (camada de círculos coloridos) e negar sua negritude ou vice-versa (camada de círculos pretos). Desse modo, o fenômeno/conflito eclipsado pode se predominantemente étnico-racial, e, outras vezes, de identidade de gênero-sexual.

Assim, ao considerar a força de atração, a repulsa e o fenômeno eclipsado que essencialmente dizem acerca da negação de oportunidades das realidades LGBTQIA+, no contexto da pandemia, essa negação é mais delimitada, e essas realidades se tonam mais caóticas nas dimensões fenomenológicas dessas existencialidades. A partir dos indicadores e das teorias chegou-se às oito dimensões<sup>3</sup> (*insights*) que compõem os fluxos fenomenológicos das essencialidades e realidades LGBTQIA+, os quais são ilustrados na Figura 2. Destacam-se a família (fatia roxo), a escolaridade (fatia azul), o trabalho (fatia verde), o estado (fatia amarelo), o relacionamento (fatia laranja), a saúde física (fatia vermelho), a saúde mental (azul claro) e a informação (fatia rosa).

Figura 2 – Dimensões das essencialidades e realidades LGBTQIA+



Fonte: Elaboração própria (2021).

<sup>3</sup> Entre as dimensões apresentada, há uma dimensão vazia, que teoriza novas descobertas sobre o fluxos fenomenológico das essencialidades e das realidades LGBTQIA+.

É imprescindível compreender que as dimensões em si que compõem o sistema fenomenológico abrangem qualquer sujeito humano, porém, o que torna essencialmente LGBTQIA+ são os efeitos (in)diretos do preconceito e da discriminação marcada pelo acesso, pelo uso e pelos reflexos da informação produzida e disseminada pelo sistema compulsório que refletem cada dimensão sobre o sujeito LGBTQIA+, como demonstra a Figura 2. Sabe-se que o preconceito opera por desinformação, mentiras, mensagens reducionistas e, no contexto da Sociedade da Informação, *fake news*. Todos ancoram uma opinião irracional (valores e crenças) preconcebida sobre uma determinada comunidade, grupo e/ou sujeito (perfil). A discriminação, por sua vez, é a ação baseada no preconceito, como LGBThomofobia, em que o sujeito recebe um tratamento injusto, prejudicado este sujeito, sobretudo, do acesso à informação, e quando a mesma é acessada pelo sujeito LGBTQIA+ é hierarquizada, outras vezes equivocada e essas lógicas operam no contexto da família, da escolaridade, do trabalho, do estado, do relacionamento, da saúde física, da saúde mental e das unidades de informação, como também no âmbito científico.

Essa discrepância se divide por duas forças que compõem os fluxos fenomenológicos das essencialidades e realidades LGBTQIA+, a força cronológica (setas brancas ilustradas na Figura 2) e a força lógica (setas pretas, Figura 1). A primeira se refere ao tempo mensurado pelo relógio, enquanto, o lógico não se refere à mensuração do tempo, isso significa dizer que uma dimensão reflete sobre outra em que não está necessariamente em sequência, a exemplo da dimensão “família” refletindo sobre a dimensão “informação”. Ambas as forças, cronológica e lógica, têm como bases os aspectos bio, psico e social que compõem qualquer sujeito humano.

## 5 FLUXOS FENOMENOLÓGICOS E ESSENCIALIDADES LGBTQIA+ NO CONTEXTO DA PANDEMIA

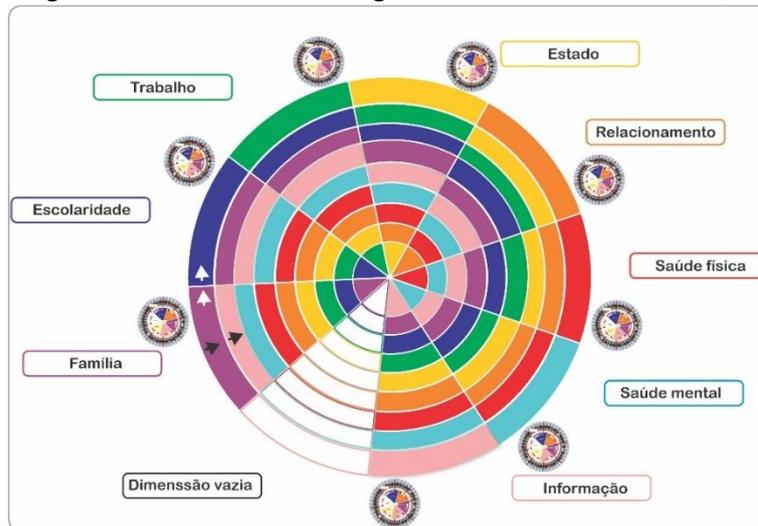
Alguns sujeitos LGBTQIA+ afirmaram não sofreram nenhum prejuízo na pandemia (VOTELGBT, 2020), porém não se aplica a toda essa comunidade visto que ela é composta por diversos grupos, perfis e espectrais e cada segmento também diz acerca do confronto entre o sistema compulsório e o sistema fenomenológico. Nesse confronto, será descredenciada a essencialidade LGBTQIA+, assim promovendo dissonância cognitiva e discrepância entre sujeito LGBTQIA+ e realidade, em que esse confronto começa pela dimensão família e adentra às outras dimensões.

Observando os fluxos fenomenológico das essencialidades e realidades LGBTQIA+, ilustrados na Figura 3, também se pode afirmar que todas essas dimensões partem de si, mas que há um retorno a si, o qual pode trazer implicações positivas (como reconfigurações, reelaborações para harmonia da dimensão de partida e chegada), bem como pode gerar um retorno traumático. No caso da dimensão “família” quanto ao retorno, se houver um abandono familiar do(a) filho(a) LGBTQIA+ antes da pandemia, o reabandono que pode ocorrer por uma doença, perda de emprego, ou pela pandemia que pode agregar doença e desemprego, o retorno à família se figurara de forma dramática em duas instâncias, a aceitação do(a) filho(a) em casa e a recusa.

A família (fluxo roxo, Figura 2) se destaca como primeira dimensão informacional, o contexto principal quanto à qualidade de vida dos sujeitos LGBTQIA+ antes e no contexto pandêmico e pós-pandêmico (OUT RIGHT ACTION INTERNATIONAL, 2020). A família é ponto de partida e de referência, em tese é o contexto de acolhimento e também o ponto de retorno. Contudo, Catelan (2020) afirma que a rejeição familiar é um fato para muitos sujeitos LGBT-

QIA+, especialmente, quando o modelo se refere ao núcleo que teoricamente é regulado por sistemas compulsórios, assim podendo indicar pais, mães e outros(as) parentes LGBTfóbicos, o que torna esse contexto tóxico e/ou até mesmo perigoso para o sujeito LGBTQIA+.

Figura 3 - Fluxos fenomenológico e essencialidades LGBTQIA+



Fonte: Elaboração própria (2021).

Esse fato converge com o levantamento feito pelo aplicativo de relacionamentos Hornet divulgado pela Agência Brasil cujos dados revelam que 30% dos três mil homens gays, bissexuais e transexuais entrevistados não se consideram seguros dentro de casa com seus familiares (FACULDADE DE MEDICINA DA UFMG, 2020). Isso ocorre, uma vez que a homossexualidade como essência humana perturba a harmonia do modelo nuclear, e, mesmo com a Lei da homofobia e transfobia, Lei nº 7.716/1989, operando no Brasil, é no contexto da família onde acontece em média um terço da violência contra a população LGBTQIA+ (GRUPO GAY DA BAHIA, 2019).

Assim, para muitos(as) LGBTQIA+ que precisam voltar à sua família, especialmente, em casos de perda de emprego, perda de moradia, e infecção pelo COVID-19, esse retorno pode ser perturbador, ao ponto de que muitos(as) LGBTQIA+ preferem ficar na rua e correr os riscos diversos (PINHEIRO, 2020). Há os que optam em vivenciar e suportar os abusos físicos e psicológicos e, principalmente, a solidão em família e a violência sexual. A solidão em família ocorre através do medo de problematizar a homossexualidade, isso quando os sujeitos LGBTQIA+ não são assumidos(as), pois, fora de casa ou dentro, cada LGBTQIA+ ao seu modo desenvolve mecanismos de defesas e de enfrentamento para a LGBTfobia (LISBOA, 2020). De outro modo disposto, o abuso sexual em família diz respeito a uma prática que se (re)inicia na infância e se rompe com a saída do sujeito LGBTQIA+ deste contexto.

Em nítido contraste, quando há o (re)abandono da família dos(as) seus(suas) filhos(as) LGBTQIA+, que fora antes de tudo afetivo e traumático anterior à pandemia, ganha novos contornos e proporções para os sujeitos LGBTQIA+ que redefinem seu sentimento de abandono. Pois, quando essas famílias não aceitam de volta o sujeito LGBTQIA+ nem mesmo em contexto extremo como pandemia, significa afirmar que as questões morais ainda se configuram tornando os(as) familiares apáticos às situações de seus(suas) filhos(as) em contexto de risco, terreno fértil para danos psicológicos e físicos, vícios a drogas, moradia em ruas, suicídios, entre outros. Nesses casos, ficar em casa, para jovens e idosos(as) LGBTQIA+, significa está sendo forçados(as) a suportar a exposição prolongada dos(as) familiares, assim

há os índices de violência doméstica e de abusos físico e emocional, bem como danos à saúde da população LGBTQIA+ (UN HUMAN RIGHTS, 2020).

A dimensão “escolaridade” é influenciada pelo modelo de família nuclear que acaba se considerando um micro sistema compulsório de informação, conhecimento e valores. Essa dimensão possui interfaces com o fator econômico e o recorte étnico-racial, duas forças que desenham a cultura educacional (o papel da educação) e as instituições escolares, públicas ou privadas. Essa dimensão figura uma realidade que tem dificultado a vida dos sujeitos LGBTQIA+, é uma fase em que ele(a) se quer ainda compreende sua existencialidade. No âmbito escolar, a violência ocorre por meio do *bullying* LGBTfóbico, fenômeno interseccional que emerge do preconceito e da discriminação exercidos por colegas, técnicos(as) administrativos escolares e professores(as). Pesquisa de 2017 revela que 73% dos(as) estudantes brasileiros(as) LGBTQIA+ sofreram *bullying* LGBTfóbico no contexto escolar. O levantamento revela, também, que 60% desses sujeitos se sentem inseguros(as) no ambiente escolar e 37% sofreram violência física. A pesquisa foi realizada em sete países latino-americanos, são eles: Brasil, Argentina, Chile, Uruguai, Peru, Colômbia e México. Segundo a reportagem da Agência Câmara, os dados são muito parecidos em todos eles. A única exceção é o Uruguai, onde todas as taxas são menores do que 50% (MOTTA, 2020).

Segundo Catelan (2020), o *bullying* LGBTfóbico se configura como um fator de evasão escolar e, de acordo com Lopes Neto (2005), o mesmo produz consequências negativas imediatas e tardias sobre todos(as) os(as) envolvidos(as). A partir dessa prática, o sujeito pode construir, consciente e inconscientemente, uma representação negativa dos contextos escolares, o que contorna a evasão escolar anunciada na infância em relação à vida adulta. Neste fluxo, os mais afetados(as) são os sujeitos trans e as travestis, que passam a despenhar atividades de subsistência e no contexto da pandemia essa atividade não sofre reconfigurações no status de remoto e/ou home office, como acontece no trabalho doméstico e de diarista, entre outros.

Assim como toda a população, os sujeitos LGBTQIA+ são provedores(as), muitas vezes, sem ajuda dos familiares, dependentes exclusivamente de um trabalho (formal/ informal), porém, há dificuldades de ingresso e de permanência desta população no mercado de trabalho (CATELAN, 2020). Para alguns grupos e perfis LGBTQIA+, os indicadores anunciaram informalidade da intersecção do preconceito, da discriminação e da falta de escolaridade, como também tem reflexos econômicos e étnico-racial e acolhimento familiar de preparação para os espaços além da família.

Entretanto, a falta de educação certificada e/ou diplomada emerge, sobretudo, como um obstáculo na visualização de um trabalho formal que possa garantir o mínimo de direitos, como seguro desemprego e outros benefícios. O avanço do desemprego na pandemia afeta essencialmente homens e mulheres trans (PIMENTEL, 2020; ALVARENGA, SILVEIRA, 2020). Uma confirmação sobre essa problemática pode ser visualizada no relatório intitulado ‘Mapa dos assassinatos de Travestis e Transexuais no Brasil em 2017’ publicado em 2018, produzido pela Associação Nacional de Travestis e Transexuais<sup>4</sup> (ANTRA), em que esse percentual é ainda utilizado em 2020 pela ANTRA no contexto da pandemia. De acordo com levantamento da ANTRA, 90% da população de trans e de travestis usam a prostituição como fonte de renda (ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE TRAVESTIS E TRANSEXUAIS, 2018, 2020).

---

<sup>4</sup> É uma rede que articula em todo o Brasil mais de 200 instituições, a fim de desenvolverem ações para a promoção de direitos o resgate da cidadania da população de Travestis e Transexuais

Nesse ponto, a rede LGBTQIA+ também é acessível e tenta minimizar a prática, no caso dos sujeitos trans é possível pensar iniciativas como TransEmpregos, uma plataforma que visualiza a contratação de homens e de mulheres trans.

Contudo, no âmbito geral da comunidade LGTQIA+, segundo o relatório Diagnóstico LGBT+ na pandemia do coletivo VoteLGBT<sup>5</sup>, a taxa de desemprego da população LGBTQIA+ está em 21,6%, assim sendo maior que a 12,2% que é a média nacional (ALVARENGA; SILVEIRA, 2020), se constituindo como um dado alarmante.

O relatório ainda evencia que três em cada 10 dos(as) desempregados(as) já estão sem trabalho há um ano ou mais; uma em cada cinco sujeitos LGBTQIA+ não possui nenhuma fonte de renda individual atualmente; uma em cada quatro perdeu o emprego em razão da COVID-19; quase metade (44,3%) dos LGBTQIA+ tiveram suas atividades totalmente paralisadas durante isolamento; quatro em cada 10 sujeitos (40%) dos(as) LGBTQIA+ e metade dos sujeitos trans (53,35%) não conseguem sobreviver sem renda por mais de um mês, caso percam sua fonte financeira atualmente (VOTELGBT, 2020).

Quanto à dimensão “Estado”, no âmbito da pandemia a Organização das Nações Unidas (ONU) se posicionou de forma empática no que diz respeito à população LGBTQIA+, ao recomendar que seus países membros adotassem medidas para proteger essa parcela da população mundial, o que configura o marco da intervenção do estado quanto à população LGBTQIA+ no contexto pandêmico. Contudo, mesmo diante do abandono da família pré-pandemia e no curso dela, bem como da perda do emprego, o estado não se articulou ou adotou tais medidas. Desse modo, por meio do sistema fenomenológico de informação gênero-sexualidade, as redes LGBTQIA+ em todo país têm se articulado no acolhimento e na minimização das problemáticas no fluxo das implicações familiares e de emprego, assim refletindo posteriormente em outras dimensões.

A sociedade civil, através da ética, do cuidado solidário e da diferença, e alguns governos municipais sensíveis e opositores(as) ao governo Bolsonaro têm sido fundamentais na articulação das redes LGBTQIA+ durante a pandemia do COVID-19, especialmente, para garantir o fundamental (como cestas básicas e produtos de higiene), com iniciativas que, ao mesmo tempo, beneficiam essa parcela da população, e evidenciam a omissão do Estado e o avanço da necropolítica (SATO, 2020). A omissão é um sinal de sua prática operante da necropolítica visualizada nos discursos dos governantes e verificadas na quantidade de mortes existentes no país.

Entende-se que o estado tem obrigação de garantir a vida, porém, sua falta de interesse é perceptível, o que denota a operabilidade dos sistemas compulsórios de informação quando não se há mapeamento da população LGBTQIA+, como também o seu desinteresse de visualizar dados produzidos por instituições oficiais que compõem a rede LGBTQIA+. Segundo relatório do VoteLGBT (2020), atualmente não existem números confiáveis sobre o tamanho dessa população LGBTQIA+ no Brasil, esse fato certifica a não aceitação social, aprofundada pela negligência do Estado em relação a essa comunidade. Por outro lado, é com os dados produzidos pelas instituições que se tem trabalhado para a qualidade de vida dessa população.

É possível observar, em paralelo, que a falta de sensibilidade e de empatia do estado brasileiro não visualiza os dias pós-pandêmicos que sucederão, que em tese serão problemáticos para esta parcela da população. Vale destacar a comunidade LGBTQIA+, como uma

---

<sup>5</sup> É um coletivo que desde 2014 busca aumentar a representatividade de LGBTs+ em todos os espaços, principalmente na política. Entendemos que a diversidade é um valor fundamental para a democracia. Por isso, também enxergamos a representatividade de forma interseccional às pautas de gênero e racial.

fatia, inserida dentro da política de auxílio emergencial, que é um benefício financeiro concedido aos(as) trabalhadores(as) informais, microempreendedores individuais (MEI), autônomos(as) e desempregados(as). Porém, essa política não atenderá os dias pós-pandêmicos, embora poderia ser desenvolvida pelos governos com as grandes corporações mediante a abertura oficial do comércio, o mantimento do auxílio emergencial como estratégias visualizando o contexto de antecipação pós-pandêmico. Segundo Assunção (2019), essa avaliação foi feita pela deputada estadual Erika Hilton, que acredita que empresas são isentas de tantas coisas supérfluas, porque não pensar em um plano de isenção de sujeitos LGBTQIA+.

A dimensão “relacionamento” não se refere à busca da felicidade no outro, porém se fora é genuíno, somos sociáveis de uma forma ou de outra (GADOTTI, 2020). Na dinâmica de uma pandemia, em caso de enfermidades, cuidados médicos, alimentação, higiene o(a) outro(a) é essencial, não existe filosofia da felicidade em si que dê conta da solidão compulsória da pandemia. Quando se visualiza os sujeitos LGBTQIA+ idosos(as) sem parceiros(as), família e amigos(as), a dimensão do(a) outro(a) é importante, pois a solidão é uma condição que começa no cérebro e afeta o resto do corpo, tendo o potencial de diminuir as habilidades de pensamento que faz o sujeito tomar decisões rapidamente sem reflexões. A solidão pode mudar a maneira como os sujeitos pensam e reagem, tornando-os mais propensos a experimentar sintomas de depressão, mais sensíveis às ameaças sociais, mais propensos a ter pensamentos autodestrutivos e outros processos de pensamento negativos que podem fazer um retorno à interação social difícil para sujeitos que já estão sozinhos. Nesse sentido, a solidão crônica decorrente do isolamento social compulsório tem constituído efeito dramático no bem-estar dos seres humanos em qualquer idade. No que se refere às(aos) LGBTQIA+ idosos(as), o isolamento social tem contribuído para um declínio cognitivo mais rápido (RENNER, 2020).

Em condições ‘normais’, consegue-se viver sozinho(a) sem a necessidade do outro, mas se tratando de uma pandemia que diminui o contato físico social, esse período afeta: a) o âmbito sentimental/afetivo/emocional na extensão social com o contato da família e de amigos(as) (colegas de trabalho); e b) sentimental/afetivo/emocional e estético na extensão romântica sexual que se refere ao contato com um(a) companheiro(a). Sob esse viés, na solidão, no abandono familiar, a amizade como instância de acolhimento se torna muito importante, já que nela os sujeitos LGBTQIA+ se apoiam em outros sujeitos LGBTQIA+. Esse acolhimento passa a ser reconfigurado pelo contato virtual na pandemia, na qual o calor humano é rompido, porém, aliviada por meio do acesso e do uso das TIC, que é uma medida paliativa. Nesta dimensão, a filosofia da felicidade em si é válida, mas ganha contornos de individualizados de patologias, uma vez que os sujeitos são dotados de instinto, percepção e sensação, que também os tornam seres sociais, por isso o isolamento gera angústias e outras questões que merecem ser problematizadas.

Para uma boa parcela da população, que já tinha essa preocupação com o social e com os excluídos, isso se alarga. E, talvez, a pandemia possa sensibilizar outras pessoas. A sociedade civil precisa ampliar essa rede de solidariedade e o poder público aumentar o papel das políticas públicas nas áreas assistenciais e de saúde. Tem que ter uma inversão: o coletivo se sobrepor ao individual, mas não como uma camisa-de-força, como controle das liberdades. (CARMINATI, 2020).

Quanto à dimensão “saúde-física”, é importante considerar que historicamente a população LGBTQIA+ tem dificuldades ao acesso à saúde. No contexto da pandemia, essa dificuldade se acentua, principalmente, devido ao preconceito e à discriminação, ambos produzidos pelos sistemas compulsórios de informação, apesar de o Brasil ser referência no tratamento da AIDS, que afetava

toda a população brasileira. Na saúde, a população LGBTQIA+ é afetada pelas interrupções de diversos tratamentos, dentre os quais o tratamento de redesignação de gênero que pode acentuar a designação de gênero (OUT RIGHT ACTION INTERNATIONAL, 2020), assim como outras morbidades silenciosas que podem levar pacientes LGBTQIA+ com COVID-19 à morte. Conforme Lemos (2020), de acordo com os médicos ouvidos pela BBC News Brasil, são comuns casos de pacientes com doenças preexistentes como diabetes, hipertensão e tuberculose que desconhecem tais comorbidades até serem internados com COVID-19.

A “saúde-mental” acaba sendo a dimensão cujas forças intervenientes no fluxo agregam os reflexos negativos da falta da escolaridade na vida adulta, a perda do trabalho executado essencialmente pela força do corpo, a volta para casa em que antigos conflitos são retomados, a falta do estado que não oferece perspectivas pontuais para o sujeito LGBTQIA+, a solidão compulsória e as comorbidades físicas do corpo. A psicologia poderia ser mais engajada em relação à população LGBTQIA+, orientando psicólogos(as) no atendimento on-line, quando possível. Houve um movimento de visibilização da psicoterapia on-line como uma das formas de ajuda por meio de atendimentos sociais<sup>6</sup> que foram ampliados para alguns sujeitos em estado de carência econômica. Entretanto, percebe-se mais um movimento econômico na pandemia, psicólogos(as) ganhando dinheiro tanto com os serviços psicológicos on-line e cursos on-line, com 15 minutos com aulas e 45 minutos para vender o curso, e sem crescimento institucional dos Conselhos Regionais de Psicologia (CRPs) e do Conselho Federal de Psicologia (CFP).

Para Catelan (2020), são elevados os números quanto ao sofrimento psíquico na comunidade LGBTQIA+, que é um indício não pela existencialidade LGBTQIA+ em si, mas pela dificuldade de ser feliz a partir desta existencialidade. Os indicadores de ideação suicida e tentativas de suicídio especialmente entre pessoas transgênero podem chegar a 43% (CATELAN, 2020). Os efeitos da exposição ao preconceito e à violência nessa população encontram-se bem documentados na literatura científica, em que os sujeitos LGBTQIA+ apresentam maior risco de desenvolver sintomas de depressão.

O acesso e o uso da informação gênero-sexualidade compreendem um indicativo importante especialmente para a transcendência das problemáticas da pandemia, em que corpos e psiques distintas têm dificuldades divergentes. O uso da informação gênero-sexualidade diz acerca de questões mais íntimas de um determinado sujeito LGBTQIA+ quanto à orientação sexual, à identidade sexual e à identidade de gênero na dimensão da memória no fluxo de informação, a exemplo do fenômeno da *fake news* que tem o potencial de fragilidade da identidade e da memória LGBTQIA+. Oliveira (2020) chama atenção para alta incidência de *fake news* ao visualizar a pandemia, sobretudo, quando se destaca a comunidade LGBTQIA+. Ele traça recomendações que emergem como estratégias especialmente sobre o compartilhamento da informação, dentre as quais: checar a informação que lhe chega, para averiguar se a mesma não se trata de *fake news*; como também não repassar qualquer conteúdo cuja veracidade seja duvidosa.

No caso da pandemia do COVID-19, como ocorreu em relação à AIDS nos anos 80, no início de abril foi imputada à comunidade LGBTQIA+ a pandemia, fato que ocorreu por postagens compartilhadas por milhares de vezes nas redes sociais (Facebook, Twitter e Instagram, por exemplo) e sites que apresentam discursos de ódio contra a comunidade. No conteúdo das *fake news*, foi colocado como protagonista o Ministro da Saúde israelense, Yaakov Litzman, em que ele teria declarado que a pandemia de coronavírus seria uma punição divina aos sujeitos LGBTQIA+. Mesmo estilo do discurso da pastora Ana Paula Valadão, no dia 12 de setembro, que responsabilizou a AIDS a uma resposta de Deus a união homoafetiva. As *fake news* envolvendo o ministro veio por terra quando o Site AFP Brasil fez a checagem através da embaixada israelense, e quando a pastora fora envolvida em pedidos de processos. Em março de 2020, o site Põe na Roda, um dos mais importantes sites que trabalha com a disseminação da informação no âmbito da comunidade LGBTQIA+, publicou em forma de protesto a notícia de que nos Estados Unidos da América (EUA) um pastor afirmou que o casamento entre sujeitos LGBTQIA+ se configuraria a instituição culpada pelo coronavírus, e que tal fato também seria uma resposta divina ao acerto de contas (RIBEIRO, 2020). Percebe-se que os ataques à

---

<sup>6</sup> Preços acessíveis

comunidade LGBTQIA+ por meio de calúnias, injúrias e difamação permeiam sua memória e sua história ao longo do tempo, e atualmente no Brasil são ceivados de força fundamentalista com o objetivo de transformar as sexualidades não compulsórias no mau da humanidade.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em linhas gerais, percebe-se que existem dois modelos de sistemas de produção e de disseminação de informação com potencial de produzir conhecimentos e valores, são eles: o sistema fenomenológico e o sistema compulsório. O primeiro se refere às comunidades subrepresentadas, que valorizam a produção da informação a partir de seus corpos e de suas psiques cujos conhecimentos e valores contribuem para a manutenção de sua realidade social. Nessa lógica se destaca a comunidade LGBTQIA+ e suas realidades, em que a informação gênero-sexualidade é insumo importante, uma vez que essa comunidade tem o potencial de fechamento dos estados anômalos dos conhecimentos LGBTQIA+.

O sistema compulsório de produção e de disseminação de informação, por sua vez, têm ganhado força no contexto da pandemia especialmente no Brasil, pois a lógica de sua produção e de sua disseminação de informação tem privilegiado essencialmente sujeitos com características heterogemônicas (brancos, homens, cisgênero, heterossexuais, cristãos, entre outros). Ao mesmo tempo que esse sistema faz a manutenção dessas realidades, em contrapartida, tem como objetivo desvalidar o sistema fenomenológico, incluindo as realidades LGBTQIA+, assim promovendo dissonância cognitiva e discrepância entre sujeitos dessa população. Nesse contexto, esse sistema opera a partir de três mecanismos. O mecanismo da repulsa, que repele todos os sujeitos LGBBQIA+ que não conungam da realidade heterossexual, com também das realidades dos sujeitos de pele branca e homem, como também cisgênero, cristão, entre outros. Na repulsa os sujeitos trans/travestis são excluídos(as), pois possuem estéticas que não são bem vistas, assim o sistema os(as) empurram para as margens. O mecanismo de atração, pois mesmo sendo sujeito LGBTQIA+, o sistema compulsório recruta pessoas, o que inclui também esses sujeitos. Neste caso, os sujeitos dessa comunidade devem negar sua essência, sobretudo, reservar na obscuridade sua orientação sexual, identidade sexual e/ou à identidade de gênero, ou se mantendo dentro do armário, ou sendo discretos(as). E há também o fenômeno eclipsado, em que o sujeito LGBQIA+ negro(a) é movido(a) por uma demanda de um contexto em que ele/ela pode optar por assumir apenas um marcador social, em um contexto LGBTfóbico pode escondendo sua sexualidade, e no contexto racista cortinando suas raízes ancestrais étnico-raciais, dizendo que não é negro(a), mas moreno(a), tentando se aproximar da estética demandada do contexto social em questão.

O sistema compulsório atravessa oito dimensões que dificultam a vida de um sujeito LGBTQIA+ e que reverbera por toda a sua existência social, tendo em vista que ele opera através do preconceito e da discriminação, utilizando três engrenagens, repulsa, atração e fenômeno eclipsado, em que na prática ocorrem por omissão, mentira (discurso orais em cadeia nacional), distorções, humilhações, opressões/repressões, invisibilidades, e, sobretudo, produção de desinformação e de *fake News*, que, às vezes, ocorrem de forma clara e, outras vezes, de forma sutil. Essas dimensões contemplam família, escolaridade, trabalho, estado, relacionamento, saúde física, saúde mental, e acesso e uso da informação. No contexto da pandemia, o sistema compulsório tem dificultado as realidades LGBTQIA+, principalmente, ao considerar o governo atual que tem potencializado a lógica do sistema compulsório de informação, assim se omitindo, mentindo, distorcendo, invisibilizando, enviando e, sobretudo, produzindo *fake news*, forças que constituem o sistema compulsório.

Diante do exposto, faz-se necessário reiterar a importância de estudar e refletir acerca dessas questões emergentes e necessárias no âmbito da Ciência da Informação, uma vez que as mesmas transcendem as barreiras dos posicionamentos cristalizados e contemplam grupos silenciados que se encontram nas marginalidades física, cognitiva e social do conhecimento, sobretudo, nos contextos pandêmico e pós-pandêmico.

## REFERÊNCIAS

AFP BRASIL. **O Ministro da Saúde de Israel teve a COVID-19, mas não há registros de que ele tenha dito que a pandemia é uma “punição aos gays”**. AFP, Rio de Janeiro, 22 abr. 2020. Disponível em: <https://checamos.afp.com/o-ministro-da-saude-de-israel-teve-covid-19-mas-nao-ha-registros-de-que-ele-tenha-dito-que-pandemia>. Acesso em: 29 ago. 2020.

ALMEIDA, Daniela Pereira dos Reis *et al.* Paradigmas contemporâneos da Ciência da Informação: a recuperação da informação como ponto focal. **Revista Eletrônica Informação e Cognição**, v.6, n.1, p.16-27, 2007. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/reic/article/view/745>. Acesso em: 31 ago. 2020.

ALVARENGA, Darlan; SILVEIRA, Daniel. Desemprego sobe para 12,2% no 1º trimestre e atinge 12,9 milhões. **G 1**, Belo Horizonte, 30 abr. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2020/04/30/desemprego-sobe-para-122percent-em-marco-e-atinge-129-milhoes.ghtml>. Acesso em: 31 ago. 2020.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. A ciência da informação como ciência social. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 32, n. 3, p. 21-27, set./dez. 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ci/v32n3/19020>. Acesso em: 6 jul. 2020.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Estudos de usuários conforme o paradigma social da Ciência da Informação: desafios teóricos e práticos de pesquisa. **Informação & Informação**, Londrina, v. 15, n. 2, p. 23 - 39, jul./dez. 2010. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/6485/6995>. Acesso em: 31 ago. 2020.

ARAÚJO, Hugo Filgueiras de. Uma filosofia da percepção em Platão. **Archai**, [S.l.], n. 13, jul/dez, 2014. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/archai/article/download/8490/7077/14704>. Acesso em: 13 fev. 2020.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE TRAVESTIS E TRANSEXUAIS. Assassinatos de pessoas trans voltam a subir em 2020. **Antra Brasil**, Brasília, 29 jan. 2020. Disponível em: <https://antrabrasil.org/category/violencia/>. Acesso em: 29 ago. 2020.

AZEVEDO, Bernardo Varjão; AZEVEDO, Bernardo Montalvão. O Método Fenomenológico Proposto por Edmund Husserl e o Caso Escola Base. **Síntese**, dez. 2010. Disponível em: [http://www.sintese.com/doutrina\\_integra.asp?id=1167#:~:text=Dessa%20forma%2C%20rel%20destacar%20que,se%20dos%20conceitos%20pr%C3%A9vios%3B%20d](http://www.sintese.com/doutrina_integra.asp?id=1167#:~:text=Dessa%20forma%2C%20rel%20destacar%20que,se%20dos%20conceitos%20pr%C3%A9vios%3B%20d). Acesso em: 4 jan. 2020.

CAPURRO, R. Epistemologia e ciência da informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO - ENANCIB, 5., 2003. Belo Horizonte. **Anais [...]** Belo Horizonte: UFMG, 2003.

CAIRES, Luiza. Núcleo estuda marcadores sociais da diferença. **Agência USP de Notícias**, São Paulo, 8 jan. 2010. Disponível em: <http://www.usp.br/agen/?p=15350>. Acesso em: 6 jul. 2020.

CASTRO, Thiago Gomes de; GOMES, William Barbosa. Aplicações do método fenomenológico à pesquisa em psicologia: tradições e tendências. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v.28, n.2, pp.153-161. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/estpsi/v28n2/03.pdf>. Acesso em: 6 jul. 2020.

CATELAN, Ramiro Figueiredo. Os efeitos únicos da pandemia em pessoas LGBT: como a Terapia Comportamental Dialética (DBT) pode auxiliar a manejar o sofrimento. **Comporte-Se**, [S. l.], 15 jul. 2020. Disponível em: <https://www.comportese.com/2020/07/os-efeitos-unicos-da-pandemia-em-pessoas-lgbt-como-a-terapia-comportamental-dialetica-dbt-pode-auxiliar-a-manejar-o-sofrimento>. Acesso em: 29 ago. 2020.

FACULDADE DE MEDICINA DA UFMG. **Pessoas LGBT enfrentam preconceito na quarentena**. Belo Horizonte, 26 maio 2020. Disponível em: <https://www.medicina.ufmg.br/pessoas-lgbt-enfrentam-preconceito-na-quarentena/>. Acesso em: 26 dez. 2019.

FONSECA, Dagoberto José. Formação, Inovação e Novas Tecnologias: lugar dos negros e dos empobrecidos. **Estudos de Sociologia**, Araraquara, v.12, n.23, p.173-186, 2007  
Disponível em:  
<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/106795?locale-attribute=es>. Acesso: 08 out. 2020.

GADOTTI, Fabio. Coronavírus: “Somos seres sociais, por isso o isolamento gera angústias”. **Ndmais**, Florianópolis, 17 abr. 2020. Disponível em:  
<https://ndmais.com.br/saude/coronavirus-somos-seres-sociais-por-isso-o-isolamento-gera-angustias/>. Acesso em: 29 ago. 2020.

GRUPO GAY DA BAHIA. **Assassinato de homossexuais (LGBT) no Brasil**: Relatório 2019. Salvador: Grupo Gay da Bahia, 2016. Disponível em:  
<https://grupogaydabahia.com.br/relatorios-anuais-de-morte-de-lgbti/>. Acesso em: 20 abr. 2020.

LEMOS, Vinicius. As 'comorbidades silenciosas' que podem levar pacientes com covid-19 à morte. **BBC News Brasil**, São Paulo, 03 jun.2020. Disponível em:  
<https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/bbc/2020/06/03/as-comorbidades-silenciosas-que-podem-levar-pacientes.htm>. Acesso em: 05 jan. 2020.

LISBOA, Luana. Como está sendo o isolamento das pessoas LGBTQIA+ com suas famílias? **Agenda arte cultura**, Salvador, 1 jul. 2020. Disponível em:  
<https://www.agendartecultura.com.br/principais/isolamento-lgbtqia-familias/>. Acesso em: 26 dez. 2019.

LOUREIRO, Stefânie Arca Garrido. **Identidade étnica em re-construção**: a resignificação da identidade étnica de adolescentes negros em dinâmica de grupo, na perspectiva existencial humana. Belo Horizonte: O Lutador, 2004.

LOPES NETO, A. A. Bullying: comportamento agressivo entre estudantes. **Jornal de Pediatria**, v. 81 n. 5, p. 164-172, 2005.

MARCIANO, João Luíz Pereira. Abordagens epistemológicas à Ciência da Informação: fenomenologia e hermenêutica. **TransInformação**, Campinas, v. 18, n. 3, p. 181-190, set./dez., 2006. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S0103-37862006000300002&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0103-37862006000300002&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt). Acesso em: 5 out. 2020.

MOTTA, Danilo. Mais de 70% dos estudantes LGBTs sofreram homofobia na escola, diz pesquisa. **Medium**, 2017. Disponível em: <https://medium.com/empoderamento-lgbt/mais-de-70-dos-estudantes-lgbts-sofreram-homofobia-na-escola-diz-pesquisa-40db3d663576>. Acesso em: 6 jul. 2020.

OLIVEIRA, Henry Pôncio Cruz de. **Afrodescendência, memória e tecnologia**: uma aplicação do conceito de informação etnicorracial ao projeto “A Cor da Cultura”. João Pessoa, 2010. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010.

OLIVEIRA, Henry Pôncio Cruz de. Informação, Tecnologia e o combate às fake news direcionadas a comunidade lgbtqi+. In: LIVES E OLHARES LIVRES: A POPULAÇÃO LGBTQIA+ NO CONTEXTO DA PANDEMIA DA COVID-19, 2020, **Anais [...]**. João Pessoa: UFPB, 2020. Disponível em: <https://livesolhareslivres.wordpress.com/caderno-de-resumos/>. Acesso em: 16 nov. 2020.

OUT RIGHT ACTION INTERNATIONAL. **Vulnerability Amplified: the impact of the COVID-19 pandemic on LGBTIQ people**. New York: OutRight Action International, 2020. Disponível em: <https://outrightinternational.org/content/vulnerability-amplified-impact-covid-19-pandemic-lgbtqi-people>. Acesso em: 29 ago. 2020.

PIMENTEL, Thais. Pesquisa da UFMG e Unicamp aponta que população LGBT está mais vulnerável ao desemprego e à depressão por causa da pandemia. **G 1**, Belo Horizonte, 17 mai.2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2020/05/17/pesquisa-da-ufmg-e-unicamp-aponta-que-populacao-lgbt-esta-mais-vulneravel-ao-desemprego-e-a-depressao-por-causa-da-pandemia.ghtml>. Acesso em: 31 ago. 2020.

PINHEIRO, Eduardo. LGBTfobia durante o isolamento social. **Socialismo criativo**, Brasília, 17 maio 2020. Disponível em: <https://www.socialismocriativo.com.br/lgbtfobia-durante-o-isolamento-social/>. Acesso em: 26 dez. 2019.

RENNER, Rebecca How to beat loneliness during a pandemic? LGBTQ elders lend their wisdom. **National Geographic**, 17 jun. 2020

Disponível em: <https://www.nationalgeographic.com/science/2020/06/how-to-beat-loneliness-social-isolation-during-a-pandemic-lgbtq-seniors-wisdom/>. Acesso em: 29 ago. 2020.

RIBEIRO, Armando. Coronavírus: pastor norte americano culpa comunidade LGBT+ pela pandemia. **Põe na roda**, Rio de Janeiro, 25 mar. 2020. Disponível em: <https://poenaroda.com.br/diversidade/lgbtfobia/coronavirus-pastor-norte-americano-culpa-comunidade-lgbt-pela-pandemia/> Acesso em: 29 ago. 2020.

SANTANA, Sérgio Rodrigues de; ALVES, Ewerton. ACESSO E USO DA INFORMAÇÃO ÉTNICO-RACIAL POR LGBTQI+ NEGROS (AS): Refletindo sobre a identidade eclipsada no contexto universitário. In: COPENE Nordeste, 2, 2019, João Pessoa. **Anais [...]** João Pessoa: UFPB, 2019. Disponível em: [https://www.copenenordeste2019.abpn.org.br/resources/anais/13/copenenordeste2019/1560821831\\_ARQUIVO\\_798d0ef1bedeb07aff0e5adf0b3f1ecb.pdf](https://www.copenenordeste2019.abpn.org.br/resources/anais/13/copenenordeste2019/1560821831_ARQUIVO_798d0ef1bedeb07aff0e5adf0b3f1ecb.pdf). Acesso em: 22 ago. 2020.

SANTANA, Sérgio Rodrigues de; MELO, Maytê Luanna Dias de; SILVA, Michel Batista. A cena drag & DJ no contexto da pandemia: lugar de fala, informação e coletividade. In: LIVES E OLHARES LIVRES: A POPULAÇÃO LGBTQIA+ NO CONTEXTO DA PANDEMIA DA COVID-19, 2020, João Pessoa. **Caderno de Resumos [...]**. Salvador: UFBA, 2020. Disponível em: <https://liveseolhareslivres.wordpress.com/caderno-de-resumos/>. Acesso em: 16 nov. 2020.

SATO, Fernando. LGBTQIA+. Resistência do Movimento em tempos de COVID-19. **Jornalistas livres**, 17 abr. 2020. Disponível em: <https://jornalistaslivres.org/lgbtqia-resistencia-do-movimento-em-tempos-de-covid-19/>. Acesso em: 29 ago. 2020.

TARGINO, Maia das Graças; GARCIA, Joana Coeli Ribeiro. Responsabilidade ética e social na produção de artigos científicos. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 13, n. 1, p. 33-54, jan. / abr. 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/pci/article/view/23534/18998>. Acesso em: 16 nov. 2020.

UN HUMAN RIGHTS. **COVID-19: The suffering and resilience of LGBT persons must be visible and inform the actions of States**. Brasília, 17 maio 2020. Disponível em: <https://www.ohchr.org/EN/NewsEvents/Pages/DisplayNews.aspx?NewsID=25884&LangID=E>. Acesso em: 26 dez. 2019.

VOTELGBT. **Diagnóstico LGBT+ na pandemia**. Coletivo VoteLGBT, 2020. Disponível em: [https://www.votelgbt.org/s/vote-lgbt-box1824-diagnostico-LGBT-na-pandemia\\_completo.pdf](https://www.votelgbt.org/s/vote-lgbt-box1824-diagnostico-LGBT-na-pandemia_completo.pdf). Acesso em: 29 ago. 2020.

#### NOTA

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.